

# MUDANÇAS NO CLIMA E INJUSTIÇA AMBIENTAL

sof  
SEMPREVIVA  
ORGANIZAÇÃO  
FEMINISTA

## Um chamado das mulheres à resistência

### AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

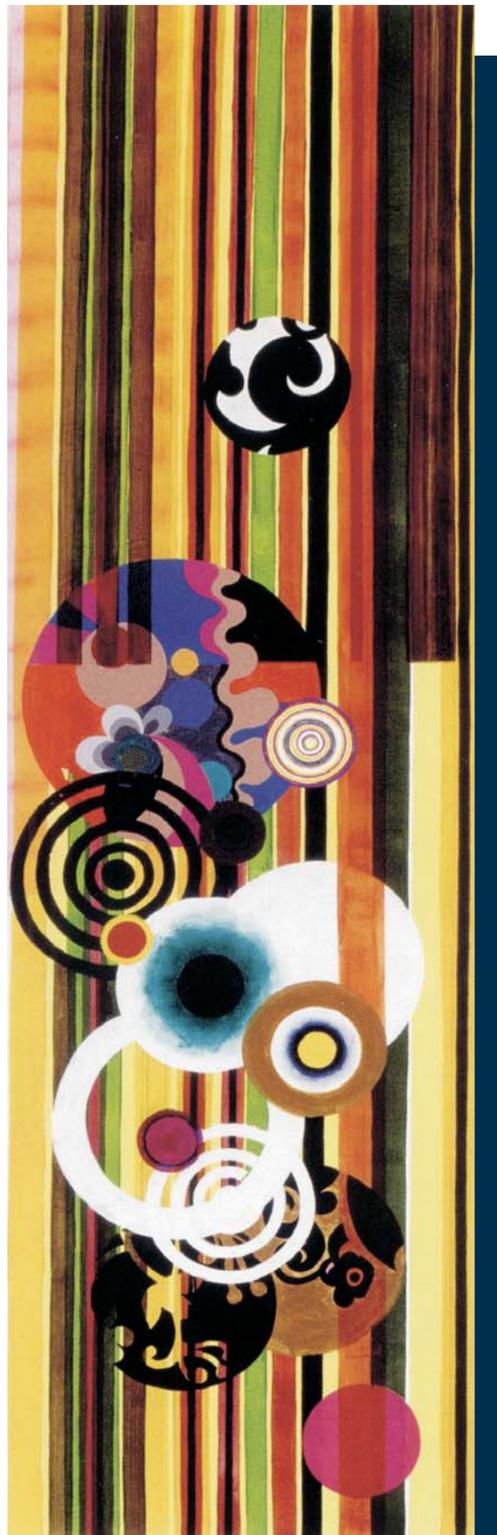
O clima de nosso planeta está se modificando perceptível e rapidamente. O aumento da temperatura da Terra, aliado às mudanças nos padrões de chuvas, à intensidade e amplitude das secas, à força cada vez maior de furacões e catástrofes ambientais, entre outras mudanças, já causam impactos em muitas comunidades, e para muitos povos, a situação é irreversível.

Essas transformações não aconteceriam naturalmente. Elas são consequência da interferência humana, por conta do modo de produção e consumo do sistema capitalista iniciado na Revolução Industrial e intensificado nos últimos 50 anos. Esse modo de produção, que privilegia o lucro acima de qualquer coisa, está nos levando a uma situação alarmante pelo uso de fonte de energias que poluem nosso mundo por meio da emissão de gases que aumentam o efeito estufa.

O efeito estufa é o sistema do qual a Terra se utiliza para se manter aquecida e com sua temperatura constante. Consiste basicamente na ação de alguns gases, principalmente do dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), no sentido de reter parte do reflexo dos raios luminosos oriundos do Sol na superfície terrestre. Esses gases ficam concentrados em determinadas áreas da atmosfera, formam uma camada que bloqueia a dissipação do calor, e mantêm, dessa maneira, uma temperatura estável no planeta. Se esses gases não cumprissem essa função de estufa, a Terra seria fria demais para a vida humana. Assim, o CO<sub>2</sub> tem um papel determinante na regulação da temperatura global do planeta.

### AQUECIMENTO GLOBAL

Porém, nos últimos anos, a emissão e concentração dos gases de efeito estufa aumentaram de forma significativa, devido, principalmente, à crescente queima do petróleo, do carvão mineral e do gás natural (os combustíveis fósseis). Isso ocasiona uma maior retenção de calor na Terra, e um consequente aquecimento na sua temperatura. Os desmatamentos e a



Beatriz Milhazes

queima de florestas também contribuem para agravar esta situação, pois, ao diminuir a presença de plantas que absorvem CO<sub>2</sub>, gera-se uma dificuldade ainda maior de dissipar esses gases.

Cada vez mais, as grandes indústrias lançam gases de efeito estufa na atmosfera. Além disso, a agricultura baseada no uso intensivo de agrotóxicos e maquinários pesados, a monocultura que destrói a diversidade ambiental, as grandes plantações de eucaliptos que esgotam a disponibilidade de água do solo são exemplos de ações humanas que interferem negativamente na mudança do clima. Da mesma forma, também contribuem para isso o modelo de transporte urbano em vigor, que promove o aumento de carros individuais em vez de transportes coletivos, e a urbanização intensa das cidades sem nenhuma ou pouca arborização.

Os maiores responsáveis pela emissão destes gases são os países ricos e os ricos destes países, entretanto, os maiores prejudicados, aqueles que sofrem mais com os impactos, são os países e comunidades pobres, que têm menos recursos e ficam mais vulneráveis às mudanças climáticas.

Os Estados Unidos são o país que mais emite gases que causam o efeito estufa. Sozinho, ele é responsável por cerca de um quarto de toda produção mundial de CO<sub>2</sub>, totalizando a emissão de 1,48 bilhão de toneladas por ano. O Brasil está em 17º na lista dos maiores poluidores, com um índice de emissão de 78 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> por ano, o que corresponde a menos do que a vigésima parte do total dos EUA.

### O EFEITO ESTUFA

1. A radiação solar atravessa a atmosfera terrestre.
2. A Terra absorve a radiação solar, emitindo parte desta para o espaço, sob a forma de calor.



3. Alguns gases, como o dióxido de carbono, impede que esta energia escape, o que aumenta a temperatura da superfície da Terra: é o efeito Estufa.

Adaptado de: [www.eco.edp.pt](http://www.eco.edp.pt) e [www.morguefile.com](http://www.morguefile.com)

## O IMPACTO SOBRE AS ÁGUAS

Cerca de um terço da população mundial vive em países com dificuldade de acesso à água, e a influência do aumento das temperaturas sobre o regime de chuvas e o ciclo da água é bastante forte. Nas últimas décadas, há secas mais intensas e em maiores áreas, o que gera uma situação de grande impacto, principalmente, no mundo camponês.

Muitas áreas estão sofrendo um processo de desertificação que força camponeses e camponesas do mundo todo a migrar para outras regiões, onde é possível continuar a sobreviver a partir de suas plantações e criação de animais. Além disso, as chuvas muito fortes e rápidas não são absorvidas pela terra, dificultando ainda mais o plantio. A produção de alimentos é afetada pelas mudanças climáticas, e traz riscos à sobrevivência de dois terços da população mundial que vive em áreas rurais e dependem da agricultura.

Ao mesmo tempo, a chuva aumentou em outras regiões do mundo, aumentando, assim, as inundações e a exposição dessas populações, que são, em sua grande maioria, de países pobres, a doenças como cólera, malária, desintéria e anemia.

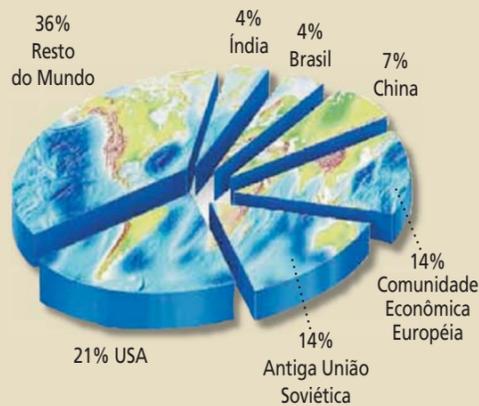
O degelo glacial também causa preocupações. A região dos Andes já perdeu quase um quarto de sua área coberta por geleiras, o que afeta desproporcionalmente o abastecimento de água e a agricultura de muitas cidades, como La Paz, Quito e Lima. Na Ásia ocorre situação semelhante. Praticamente todas as geleiras sofrem um processo de degelo significativo. Com o degelo das calotas polares, aumenta o nível das águas dos oceanos. Como consequência, países insulares (formados por um conjunto de ilhas) e muitas cidades localizadas no litoral tendem a ser alagados e a desaparecer do mapa. Para termos uma idéia do que será esse impacto, na Indonésia, país formado por mais de 17 mil ilhas, cerca de 2 mil tendem a desaparecer nos próximos 20 anos por conta da elevação do nível do mar.

## É PRECISO DAR UMA RESPOSTA ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Se o padrão de produção e consumo de nossa sociedade não se modificar, a estimativa é que a temperatura global aumente em torno de 2 a 3° C nos próximos 50 anos e de 5 a 6° C neste século. Essa elevação levaria a uma situação extrema: teríamos um colapso dos ecossistemas, o acesso a alimentos se dificultaria e a quantidade de pessoas que passam fome no mundo aumentaria,

## OS POLUIDORES

Europa e EUA emitem 35% do CO<sub>2</sub> total



Fonte: www.galileu.globo.com

a escassez de água seria mais intensa, teríamos maiores taxas de migrações em massa devido às dificuldades de sobrevivência, enchentes mais frequentes e mais severas, desertificação das áreas que atualmente são florestas e um aumento no número de pessoas afetadas por doenças tropicais.

Essa situação levaria à morte milhares de comunidades, principalmente as mais pobres. Em um mundo desigual e

marcado pela exploração de trabalhadores e trabalhadoras, é preciso que sejam dadas respostas às mudanças climáticas sob a ótica de assegurar a vida de todos e todas.

## NÃO ÀS RESPOSTAS DO MERCADO, QUE TRANSFORMAM TUDO EM MERCADORIA!

Há uma disputa a ser feita na sociedade sobre qual deve ser a resposta ao aquecimento global. O mercado neoliberal já apresentou a sua estratégia, que passa por três grandes pontos.

O primeiro ponto é negar a ação humana como decisiva na mudança do clima e minimizar suas consequências. Desse modo, os responsáveis pela emissão de gases de efeito estufa, os donos de grandes empresas, não são pressionados pela população mundial a responder por suas ações destrutivas.

O segundo ponto, que conta com grande auxílio financeiro de instituições internacionais como o Banco Mundial, é buscar criar novas tecnologias para substituir o uso de energia de combustíveis fósseis. Assim, a estratégia é desenvolver as ditas “tecnologias limpas”, para que se tornem novas fontes de acumulação de dinheiro.

Nessa estratégia, encontramos o caso dos chamados agrocombustíveis, ou, como o mercado chama, os “biocombustíveis”, que são obtidos a partir do processamento industrial de material vegetal, principalmente soja e cana-de-açúcar. Esses combustíveis, por serem renováveis, apresentam-se como ecologicamente corretos e sustentáveis, mas a verdade não é bem assim.

## ENERGIA LIMPA?

A expansão da agricultura para produção de agrocombustíveis é marcada pelos enormes latifúndios e pela monocultura, que sustentam as grandes empresas transnacionais do agronegócio. Os trabalhadores e trabalhadoras dessas monoculturas são altamente explorados, recebem salários baixos por longas jornadas e, em alguns locais, ainda vivem em regime de escravidão. Para dar lugar a essas monoculturas, plantações locais são destruídas, o que acaba com



Beatriz Milhazes

a diversidade vegetal da região em questão e compromete seriamente a terra, tornando-a seca e improdutiva ao longo do tempo. Os agrotóxicos químicos utilizados agravam ainda mais a situação e também contribuem na emissão de gases do efeito estufa. Ou seja, a produção de agrocombustíveis é uma grande ameaça às populações locais camponesas, pois dificultam e até mesmo impedem o plantio para subsistência. Os agrocombustíveis geram lucros milionários para as grandes empresas transnacionais, além de vender uma falsa imagem de responsabilidade ecológica.

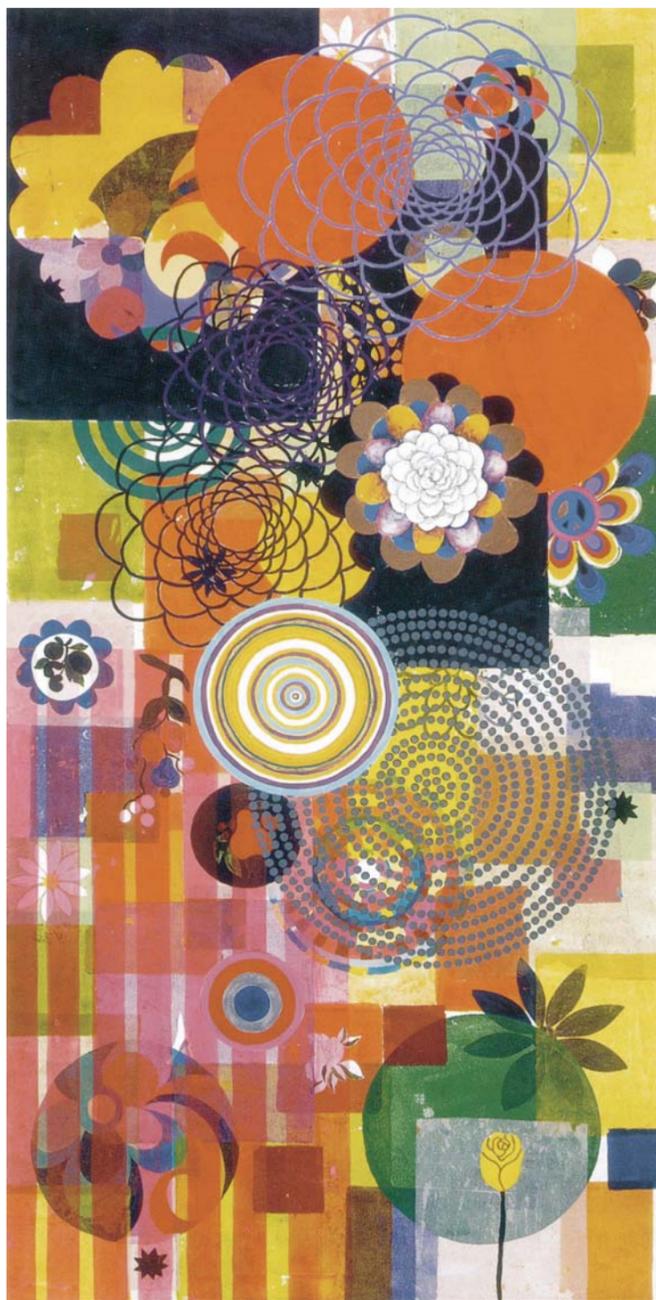
Também há uma disputa em torno da eficiência energética dos agrocombustíveis. Quando os estudos consideram toda a energia vinda do petróleo utilizada na produção de agrodiesel de soja, mostram que, para produzir um litro de agrodiesel, gasta-se o mesmo ou mais de combustíveis fósseis.

A energia nuclear também é apresentada como uma saída para o uso de energia de origem fóssil. A geração de energia nuclear é de alto custo, além de apresentar um risco ambiental e social enorme devido ao acúmulo de material tóxico e radioativo. Colocar a vida de milhares de pessoas em risco não é a solução para frear o aquecimento global.

### PRIVATIZAÇÃO DA ATMOSFERA

O terceiro e mais lucrativo ponto da resposta do mundo empresarial neoliberal para “solucionar” o aquecimento global é a expansão da mercantilização. Isso acontece através da privatização da atmosfera, que tem como nome mais comum o comércio das emissões e de créditos de carbono.

Há dois meios de comércio de carbono, o primeiro deles é negociar as emissões entre as empresas. De acordo com o Protocolo de Quioto (veja no box), cada empresa pode emitir certa quantidade de CO<sub>2</sub>. Com a venda das emissões entre as empresas, aquelas que emitem menos do que a quantidade permitida vendem a permissão da emissão de mais CO<sub>2</sub> para outras empresas que poluem mais do que o permitido. Dessa maneira, transformam a emissão de CO<sub>2</sub> em um produto negociável no mercado, e ambas as empresas saem lucrando. As primeiras porque lucram vendendo o limite de permissão de emissão que não utilizam, e as segundas porque não têm que reduzir suas atuais emissões: continuam poluindo mais do que o permitido e pagam para isso, sem modificar seus



Beatriz Milhazes

padrões de produção. Dessa maneira, quem sai perdendo é o planeta, pois não há redução nenhuma nas emissões.

O segundo meio de comércio de carbono é a venda de crédito de carbono. Os créditos de carbono foram criados em 1997, e são emitidos quando há redução de emissão de gases de efeito estufa. Projetos de redução de emissão, que precisam ser aprovados pelo Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), geram os créditos que podem, posteriormente, ser negociados em bolsas de mercadorias. Esses

créditos são obtidos com os investimentos nas chamadas tecnologias limpas, como o caso já citado dos agrocombustíveis, ou no reflorestamento, com espécies de crescimento rápido, como é o caso dos eucaliptos em enormes áreas.

Nada prova que essa venda de créditos de carbono é eficaz para frear o aquecimento global e as mudanças climáticas. Pelo contrário, a maior parte dos projetos aprovados são aqueles que, como saída para a emissão de gases de efeito estufa já emitida pelas indústrias, promovem a plantação de eucaliptos. Contudo, a monocultura de eucaliptos em grande escala transforma essas áreas em desertos verdes pela exigência de grande quantidade de água utilizada para seu cultivo. Além disso, compromete o solo, reduz as possibilidades de vegetação rasteira para servir de alimentação aos animais, acaba com a agricultura de auto-sustento de pequenas comunidades e concentra a terra, cada vez mais, nas mãos de poucos.

### NOSSO MUNDO NÃO É UMA MERCADORIA

Mas o mercado neoliberal que transforma tudo em mercadoria não se preocupa com essas questões. Aliás, esconde-as mais ainda porque a possibilidade de compra de crédito de carbono já abriu um novo e lucrativo mercado. Há empresas especializadas em desenvolver projetos para serem aprovados pelo MDL. A maior dessas empresas, a *EcoSecurities*, que tem sua sede em Londres e conta com uma equipe de 250 funcionários, vale mais de um bilhão de dólares na bolsa de valores.

Aqui há também a discussão sobre a conservação de florestas ser financiada pelos créditos de carbono. Nesse caso, em vez de uma estrutura pública de financiamento e controle das áreas de reserva ou proteção ambiental, aposta-se

### SOBRE O PROTOCOLO DE QUIOTO

O Protocolo de Quioto é um documento da ONU sobre mudanças climáticas, assinado em 1997. Ele prevê a redução da emissão dos gases de efeito estufa até 2012, para diminuir em, no mínimo, 5,2% os níveis de 1990.

O principal mecanismo definido é a venda de créditos de carbono, que, na prática, mercantiliza a atmosfera e não propõe uma alteração na produção nem no padrão de consumo. Ou seja, não apresenta uma alternativa real ao problema das mudanças climáticas. Mesmo assim há tensões em relação à sua aplicação.

Os EUA se recusam a assinar o protocolo de Quioto, alegando que isso afetaria sua economia. Os chamados países em desenvolvimento, como Brasil e Índia, rejeitam reais alterações no modelo produtivo, com o argumento de que têm o direito de se desenvolver como os países mais ricos. Por isso, defendem o mercado dos créditos de carbono, e é nesses marcos que o Brasil está investindo na produção dos agrocombustíveis.

na concessão a organizações privadas, que, além de receberem recursos mobilizados por grandes bancos, exploram a biodiversidade e o conhecimento das comunidades no manejo dessas áreas.

Na Organização das Nações Unidas (ONU), as discussões para o estabelecimento de metas de redução das emissões de gases de efeito estufa limitaram-se a esses dois mecanismos, os projetos aprovados pelo MDL e o comércio de carbono. Em dezembro de 2007, acontece uma nova convenção sobre clima em Bali, na Indonésia, com participação de mais de 190 países.

O que está em debate nessa convenção é a criação das bases da negociação que deverá levar, em 2009, à aprovação de um texto substitutivo ao Protocolo de Quioto. É preciso que essa convenção seja capaz de responder à alarmante situação climática. Para isso, os EUA, o principal emissor de CO<sub>2</sub> do mundo, deverá se comprometer com medidas que alterem os padrões energéticos. O governo Bush, apesar de cada vez mais isolado dentro e fora de seu país, continua com sua postura contrária à obrigatoriedade dos limites de emissão de CO<sub>2</sub>. Há a possibilidade de os países presentes firmarem um compromisso que tornará obrigatória a redução de CO<sub>2</sub>. Os EUA já se manifestaram contra e defendem que a “adesão” deve ser voluntária.

### **O QUE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS TÊM A VER COM A VIDA DAS MULHERES?**

O movimento negro denunciou que o furacão Katrina, em 2005, foi usado como forma de extermínio em Nova Orleans, nos Estados Unidos. Morreram negros, pessoas idosas e com dificuldade de deslocamento. Na passagem desse furacão pelos Estados Unidos, as mulheres negras e pobres foram as mais afetadas. No número de mortes ou em implicações do desastre, mas também nos inúmeros casos de violência sexual cometidos no Centro de Convenções de Nova Orleans, para onde eram levadas as vítimas. Como no mundo todo, em Nova Orleans, as mulheres são a maioria da população pobre, e a situação delas é mais difícil desde o Katrina. Milhares de mulheres negras precisam trabalhar mais por um salário menor, o desemprego feminino aumentou mais que o masculino, e o salário dos homens subiu enquanto o das mulheres baixou.

Dois anos depois, a população negra ainda não pôde voltar aos lugares onde vivia. Em compensação, o governo Bush não mediu esforços e recursos para combater os incêndios florestais na



Beatriz Milhazes

Califórnia, que colocaram em risco enormes mansões. Não foi por acaso que os poucos mortos dessa tragédia eram migrantes latinos.

Nós, mulheres, vivemos em uma sociedade machista que se apropria de nosso trabalho e nosso corpo e nega nossa autonomia. As implicações dessas alterações climáticas também têm uma marca patriarcal.

As mulheres rurais, em muitas comunidades, são responsáveis por buscar água e lenha, cultivar a horta e criar pequenos animais. Quando secam os açudes, riachos ou poços, elas têm que caminhar muitos quilômetros ou ficar horas na fila do caminhão-pipa. Nas cidades, depois das enchentes, são elas que abandonam seus empregos para organizar a precária sobrevivência nos abrigos improvisados em escolas, igrejas.

Outra consequência das mudanças climáticas que atinge diretamente a vida das mulheres é o aumento da violência sexual e doméstica contra mulheres e meninas após catástrofes ecológicas.

### **AS MULHERES RESISTEM E DÃO A RESPOSTA: CONSTRUIR UM MUNDO IGUALITÁRIO COM SUSTENTABILIDADE!**

Mesmo em situação de dificuldades, as mulheres vítimas de injustiças ambientais organizam-se coletivamente, criando redes

de solidariedade entre si para enfrentar suas dificuldades e denunciar sua situação ao mundo. A reconstrução de Nova Orleans após o furacão Katrina foi protagonizada pelas mulheres e é um exemplo de nossa força coletiva na construção de valores como solidariedade, coragem, respeito e ousadia na sociedade.

A ação das mulheres da Via Campesina, em 8 de março de 2006, na Aracruz Celulose também é exemplo de luta coletiva das mulheres para denunciar a ação de transnacionais que mantêm monocultura de eucaliptos que destroem o solo, exaurindo a água e criando os chamados desertos verdes. As mulheres resistem às mudanças climáticas e lutam por um outro modelo de produção e reprodução da vida em nosso planeta.

O modelo de produção e reprodução da vida que as mulheres querem não é baseado na exploração de nenhuma pessoa, e é voltado para o bem-estar da maioria. Para isso, precisamos mudar as atuais regras de nossa sociedade, que são voltadas para o lucro e a dominação. Não podemos aceitar que a “solução”

para as mudanças climáticas seja a venda do direito de poluir para aqueles que têm dinheiro, sem garantir nenhuma mudança efetiva.

Lutamos contra o aquecimento global porque queremos que a sustentabilidade da vida humana esteja no centro da organização econômica e política. Lutamos para que a relação das pessoas com a natureza seja responsável, assegurando a soberania alimentar e energética. Nossa luta é por uma sociedade sem opressão, na qual a responsabilidade pela produção e reprodução da vida seja de todos e todas. Lutamos para que todos e todas possam viver dignamente em um mundo no qual a liberdade e a autonomia das mulheres estejam sempre presentes!

**sof**  
SEMPREVIVA  
ORGANIZAÇÃO  
FEMINISTA

FUNDAÇÃO  
HEINRICH  
BÖLL

#### **Mudanças no clima e injustiça ambiental – Um chamado das mulheres à resistência.**

Publicação da SOF – Sempre Viva Organização Feminista. Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros  
CEP 05417-080 São Paulo/SP – Brasil  
Tel./Fax: (11) 3819-3876

Endereço eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet: <http://www.sof.org.br>.

**Textos:** Léa Marques. **Revisão:** Alessandra Terribili.

**Projeto gráfico e diagramação:** Caco Bisol e Márcia Helena Ramos. **Tiragem:** 30 mil exemplares.

**Impressão:** Fabracor Indústria Gráfica.

**Apoio para publicação:** Fundação Heinrich Böll.